

MOVIMENTOS REFORMISTAS

2 Timóteo 1.6-14; 4.1-5

Introdução

Chama-se Idade Média, o período da história europeia entre a queda do Império Romano do Ocidente (746) e a conquista da cidade de Constantinopla, pelos turcos, em 1453.

A Idade Média teve muitos momentos de tumulto e anarquia, como os seguintes:

- Colapso do Império Romano (746);
- Sucessivas ondas de invasão bárbara (séculos IV e V);
- Invasões mulçumanas da Península Ibérica (a partir do século VIII);
- Transferência da sede de papado de Roma para Avinhão, na França (1309 a 1377);
- Mortandade de um terço da população da Europa vitimada pela peste bubônica, a “Peste Negra” (1348);
- A guerra dos cem anos entre França e Inglaterra (1337-1453).

Esse período foi marcado pelo abandono, por parte da Igreja, dos mandamentos de Jesus. A Bíblia tornou-se uma exclusividade dos teólogos e a teologia mera especulação filosófica.

A igreja nesse período tornou-se grande proprietária de terras e de riquezas doadas pelos reis e pelos fiéis, adquiriu poder econômico e uma ampla influência. A igreja estava sempre no centro dos acontecimentos, especialmente a partir do século XIII, que foi o ápice da Idade Média. Bispos e cardeais agiam como senhores feudais, sem muito espírito cristão. As influências da igreja eram exercidas sobre a política, a economia, a ciência, as artes e a cultura. Ao final da Idade Média, a igreja estava mergulhada em profunda decadência espiritual. O mundanismo tomara conta. A imoralidade sacerdotal era uma realidade conhecida por todos. Dogmas antibíblicos foram criados e determinavam a conduta dos fiéis, conduzindo-os ao erro. O culto às relíquias era mais e mais fomentado entre o povo. A exploração da fé tornou-se prática comum. Enquanto isso, a repressão levada a cabo, de forma implacável pela Inquisição (tribunal instituído no início do século XIII) sentenciava e tentava calar as vezes inconformadas.

1. Vozes que se levantaram clamando por reformas

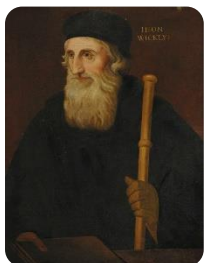
Entre os chamados pré-reformadores, aqueles que denunciaram os desvios da igreja e clamaram por reforma religiosa, destacaram-se:



Arnaldo de Bréscia (1100-1155): Reformador da Lombardia (região ao norte da Itália). Desafiou a igreja a abrir mão das riquezas e do poder temporal, voltando à pobreza evangélica. Questionava a validade dos sacramentos administrados por sacerdotes indignos, bem como a confissão aos sacerdotes. Foi condenado à morte por enforcamento; depois seu corpo foi queimado e as cinzas lançadas no rio Tibre;

Dante Alighieri (1265-1321): Escritor, poeta e político italiano, autor de A Divina Comédia. Foi condenado ao exílio perpétuo;





John Wicliff (1324-1384): Sacerdote, escritor e reformador inglês, catedrático da Universidade de Oxford. Traduziu a Bíblia para o inglês. Só escapou das ameaças de Roma porque desfrutava de grande apoio na corte e no Parlamento;

John Huss (1373-1415): Escritor, teólogo e reformador checo, catedrático e reitor da Universidade de Praga. Foi condenado à fogueira, juntamente com seus livros, pelo Concílio de Constança. John Huss morreu, mas os seus ideais reformistas permaneceram vivos. Cem anos depois, entraria em cena Martinho Lutero para promover a reforma sonhada por Huss;



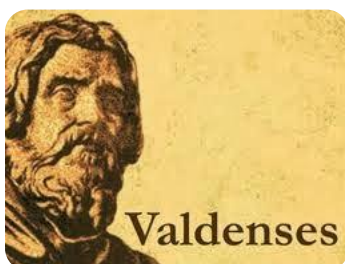
Jerônimo Savonarola (1453-1498): Monge dominicano em Florença, Itália. Foi condenado à fogueira, juntamente com outros dois dominicanos;

Esses são alguns dos que se tornaram mártires na luta por uma igreja espiritualmente pura e revitalizada. Com justiça, são considerados *“Precursores da Reforma”*. Estes se mantiveram firmes, inabaláveis e abundantes na obra do Senhor, pelo que seu trabalho não foi vão (1 Co 15.58). A história de fé e coragem desses valorosos servos de Deus inspira e nos desafia a uma vida de maior fidelidade ao Senhor (Ap 2.10).

2. Movimentos reformistas

É importante lembrar que os nomes acima citados não foram vozes isoladas. Havia um anseio geral por mudanças, traduzido em alguns movimentos populares de cunho reformista, os quais foram cruelmente sufocados pela igreja:

Petrobrussianos: Movimento liderado por Pedro de Bruys, sacerdote católico que se desligou da igreja, no sul da França. Praticavam um cristianismo simples e criam na salvação pela fé. Eram contra a religião institucionalizada, o culto a Maria, o uso de imagens no culto e o celibato. Insistiam na autoridade da Bíblia sobre os pais da Igreja. Pedro de Bruys foi queimado vivo em 1135. Sua obra foi continuada pelo conde D. Henrique, abade de Cluny na França, que promoveu grande avivamento, sendo depois preso e condenado;



Valdenses: Movimento iniciado no século XII por um rico comerciante de Lyon, França, chamado Pedro Valdo. Os valdenses valorizavam a vida simples e piedosa, bem como a pureza doutrinária com base somente nas Escrituras Sagradas. Pedro Valdo foi excomungado em 1184 e morreu em 1217. Seus seguidores foram expulsos e se fixaram nos vales alpinos franceses, na Alemanha, no norte da Itália e na Europa Central e Oriental. Foram duramente perseguidos. Em 1615, foram mortos cerca de 2.700 deles no sul da França;



Cátaros ou Albigenses: Movimento surgido no século XIII, no norte da Itália e sul da França. Viviam vida de renúncia e desapego das coisas materiais. Também sofreram intensa perseguição;

Lolardos: Movimento religioso e político desenvolvido no final do século XVI e início do século XV, pelos seguidores de John Wicliff. Semearam por toda a Inglaterra a Palavra de Deus, denunciaram as peregrinações, as superstições, as indulgências, os santos e o uso de imagens. Muitos deles foram martirizados.



Irmãos da Vida Comum: Movimento iniciado na Holanda, no século XIV, por Gerardo Groot (1340-1384), humanista, teólogo e pregador. Primavam pelo estudo do Novo Testamento grego e propunham, como fundamento para qualquer reforma, a esmerada educação da juventude. Deram grande impulso à impressão de livros teológicos. Antes de 1500, já tinham publicado mais de 450 livros.

Esses foram, portanto, cristãos fiéis e corajosos, que lutaram pelo retorno da Igreja à pureza do evangelho. Todos eles sofreram intensas perseguições e foram sufocados de forma impiedosa mas, a luta e o sangue derramado não foram em vão (Jo 12.24-25). O fermento já estava levedando a massa para a vinda de um novo tempo.

3. A fermentação da Reforma

Como disse Jesus, a implantação do reino de Deus se dá como um processo de fermentação (Lc 13.20,21). A Reforma não se deu de um momento para outro; foi o resultado de uma fermentação iniciada muito antes, como se viu nos tópicos anteriores.

Vários fatores foram decisivos para a eclosão da Reforma, a saber:

- a) A corrupção eclesiástica e depravação moral do clero;
- b) O despreparo dos sacerdotes;
- c) O abandono do povo e conseguinte insatisfação popular;
- d) A opressão religiosa e venda de indulgências;
- e) A proliferação de ideias reformistas com o advento da imprensa;
- f) O fortalecimento do anseio nacionalista;
- g) A busca de mudanças impulsionada pela Renascença.

Pelo fato de estar a igreja edificada em Cristo, as forças infernais não prevaleceram contra ela – não a igreja institucionalizada, mas o corpo vivo de Cristo, que é a verdadeira igreja. Essa sim, será sempre vitoriosa, como garante o próprio Senhor Jesus (Mt 16.18).

(Estudo bíblico elaborado pelo Rev. Paulo Gérson Uliano e ministrado pelo Rev. Ricardo Machado Manha, dia 24/09/2017, na Primeira Igreja Presbiteriana de Indaiatuba).